

LICÃO 10 – A ALEGRIA DO SALVO EM CRISTO

Subsídio elaborado por Inacio de
Carvalho Neto. E-mail do
autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Texto áureo:

FILIPENSES 4

4 Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos.

- Este versículo será comentado abaixo, no texto da leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

FILIPENSES 4.1-7

1 Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor, amados.

- A palavra “portanto” vincula o presente versículo ao pensamento da última seção do capítulo 3, que fala sobre o destino elevadíssimo que os crentes têm em Cristo, de tal modo que virão a participar de sua própria natureza e herança. Em vista desse alto chamamento e dessa esperança sublime – permanecerei sempre firmes em Cristo, que é o vosso Senhor. Jamais deveis ceder às pressões do mundo ou da carne, mas vivei sempre aquela intensa inquirição espiritual (descrita em Fp. 3.9-14).

- A palavra aqui traduzida por “amados” é, no original grego, *agapetoi*, que com frequência tem o sentido intensificado de “únicos amados”, que se reveste de um significado mais ou menos como nossa expressão moderna “mui querido” ou “caríssimo”. Os crentes filipenses eram concidadãos de Paulo (ver Fp. 3.20), como também pertenciam à mesma família divina; e na família divina há amor mútuo entre todos os seus membros (ver Jo. 14.21 e 15.10, onde o amor aparece como norma orientadora da família divina, e do que todos os remidos compartilham). Paulo queria que soubessem os crentes filipenses que, a despeito de ter ele atacado severamente o legalismo, que evidentemente havia influenciado alguns deles, o seu amor por eles em nada havia diminuído.

- “Queridos”, no original grego, é *epithetos*, também significando “desejado”, “ansiado”, “saudoso”, cuja forma verbal significa “desejar”, “anelar”, “ansiar por”. Essa palavra é usada exclusivamente aqui, em todo o Novo Testamento, ainda que a sua forma verbal também apareça nesta mesma epístola, em Fp. 1.8. Isso identifica tal emoção como produto do desenvolvimento espiritual, como um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gl. 5.22), por tratar-se de uma expressão do amor cristão. Portanto, Paulo amava os crentes filipenses mais do que um homem qualquer ama ordinariamente a seus semelhantes, porque isso era produto de seu

desenvolvimento espiritual em Cristo. Assim Paulo viera a experimentar e a demonstrar o próprio amor de Cristo, espiritualmente inspirado. Todos os pastores deveriam ter essa espécie de amor, que só surge como resultado do nosso crescimento em Cristo. Por essa razão é que Paulo amava tanto – era extraordinariamente bem desenvolvido, espiritualmente falando.

- Paulo refere aos filipenses como “minha alegria” porque neles encontrava provas de que vinha correndo bem, visto que pertenciam a Cristo, o que era demonstrado em suas vidas. A alegria é uma das notas-chaves dessa epístola (ver Fp. 1.4). Neste ponto essa alegria é personalizada, como se não tratasse meramente de alguma coisa que possuíam, mas também como se fizesse parte do caráter deles, até onde suas relações com Paulo diziam respeito. Sabe-se muito bem que as realizações de outros com frequência provocam certas pessoas à inveja; e há até quem inveje as realizações espirituais dos irmãos. Não se dava assim no caso de Paulo; pelo contrário, ele se sentia particularmente jubiloso porquanto sabia que aquele avanço espiritual de seus convertidos glorificava ao nome do Senhor, ao qual ele também procurava glorificar.

- Nessa calorosa demonstração de amor se pode encontrar o sumário desta epístola inteira, porquanto essa é uma epístola de ação de graças, de apreciação e de amor pelos crentes filipenses, por tudo quanto tinham feito em favor do apóstolo (financeiramente e em outros sentidos).

- A afeição de Paulo aqui demonstrada pelos filipenses tem paralelo com semelhante afeição demonstrada aos tessalonicenses em 1Ts. 2.19-20.

- “Coroa”, no original grego, é *stephanos*, palavra comum para indicar “coroa” (ver 1Ts. 2.19, onde ocorre quase exatamente a mesma expressão, incluindo tanto a “alegria” como a “coroa”, mas em relação aos crentes tessalonicenses. Ali, entretanto, aqueles crentes são também chamados de sua “esperança”).

- É bem provável que a “coroa” seja a da vitória em alguma competição esportiva, tal como em uma corrida, porquanto a metáfora da carreira está por detrás das palavras de Paulo. Paulo havia corrido tão bem que recebera a coroa da vitória; e aqueles crentes eram a sua coroa; pois, nessa carreira, mediante os seus esforços, na qualidade de apóstolos dos gentios, eles eram criação sua. Mui provavelmente, portanto, devemos pensar aqui na coroa de louros do vitorioso, que era também usada como sinal de honra, em um banquete oferecido pelos convivas. Normalmente essa coroa de louros era feita de ramos de certas plantas ou árvores, como a palmeira. Já a coroa do Senhor Jesus era feita de espinhos. A oliveira brava, a salsa verde, o louro ou o pinheiro, também eram usados. Há uma outra palavra grega, diadema, que usualmente se refere à coroa dos reis, mas que, no grego helenista (do qual o Novo Testamento é um representante), nenhuma distinção se podia observar entre essas duas palavras gregas, de tal modo que a palavra *stephanos* também era usada para indicar coroas feitas de metais diversos.

- Apesar de o tempo presente estar particularmente em foco neste ponto, pois Paulo os considerava seu motivo de alegria e sua coroa desde quando escreveu, contudo, há provavelmente uma ocorrência futura. Quando do tribunal de Cristo, aqueles crentes filipenses seriam tais para o apóstolo, conferindo-lhe motivo de regozijo e demonstrando o sucesso de sua missão terrena, de modo a lhe servirem de coroa de vitória (quanto a essa referência futura, comparar com os trechos de Fp. 2.16 e 1Ts. 2.19).

- Paulo já havia exortado os filipenses para que fossem dignos cidadãos da pátria celeste, mostrando-lhes qual era o seu grandioso destino. Em face disso, deveriam agora permanecer firmes, preservando a própria fé e defendendo a doutrina pura, levando uma vida diária

recomendável, em nada cedendo ante a doutrina dos legalistas, e nem os hábitos condenáveis dos epicureus. Pelo contrário, deveriam mostrar-se inabaláveis, a fim de resistirem aos ataques do mal, dos ensinamentos falsos e da imoralidade – em suma, deveriam fincar o pé, como bons soldados, reunindo forças para poderem obter a vitória. Isso pode ser comparado com o trecho de Ef. 6.10 (“No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder”) e também com o trecho de Efésios 6:11 (“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo”). Está em foco aquele dia mau, dia de teste e tentação especiais. Os crentes, pois, tendo feito tudo, devem permanecer firmes.

- Havia várias condições em Filipos, como a atmosfera pagã, a pressão dos legalistas etc, que poderiam pressionar os crentes filipenses à lassidão espiritual, à fadiga no combate, à deserção espiritual, ou mesmo ao abandono da luta por inteiro. Contra tais possibilidades é que Paulo aqui os advertia. Isso pode ser comparado com a passagem de Fp. 1.27, onde se vê que o apóstolo já o tinha exortado a estar firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica. É também naquele primeiro capítulo desta epístola que Paulo mostra que o crente está envolvido em um conflito de perigos verdadeiros (Fp. 1.30). Os crentes filipenses, a despeito das dificuldades que enfrentavam, serviam de evidência positiva que Paulo estava correndo com sucesso a sua carreira, e o apóstolo queria que eles continuassem servindo de prova disso.

- Paulo recomenda os filipenses a estarem firme “no Senhor”, ou seja, em união com Cristo, como Senhor; em comunhão com Cristo, através do Espírito Santo. Portanto, a firmeza se daria através da fortaleza conferida pelo Senhor. Essa expressão é usada pelo apóstolo dos gentios por mais de 40 vezes, assemelhando-se à expressão “em Cristo”, que ele utiliza por nada menos de 164 vezes, a qual expressa tanto a nossa união como a nossa comunhão íntima com Cristo, bem como os resultados daí decorrentes. Em Cristo temos a esfera onde essa firmeza do crente deve ser demonstrada.

- A expressão “firmes no Senhor” se refere ao que Paulo acabara de ensinar em Fp. 3.20-21 (“Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas”). A maneira de permanecermos firmes é conservando nosso pensamento em Cristo, lembrando-nos de que esse mundo não é o nosso lar e insistindo no fato de que Cristo tem tudo sob Seu controle.

- Pode-se observar neste versículo a grande similaridade entre esta passagem e o trecho de 1Co. 15.58, no que respeita à mensagem que a precede: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor”. Essa palavras de 1Co. 15 aparecem após a seção daquela epístola que aborda a questão da imortalidade, mediada pela transformação (quando do arrebatamento da igreja ou da ressurreição), envolvendo ainda a grandiosa vitória sobre a morte. Portanto, essas duas passagens são quase idênticas, exceto que a passagem da primeira epístola aos Coríntios é mais elaborada.

- O presente versículo, assim sendo, é tanto a conclusão do terceiro capítulo como a introdução de novos pensamentos. Na realidade, poderia ser melhor colocado no fim do terceiro capítulo dessa epístola, tal como 1Co. 15.58 encerra o capítulo 15 daquela epístola.

2 Rogo a Evódia e rogo a Síntique que sintam o mesmo no Senhor.

- O objetivo de Paulo aqui era o de tratar de alguns problemas de relacionamento. Essas duas mulheres (Evódia e Síntique) haviam trabalhado na igreja de Cristo; eram provavelmente diaconisas. A interrupção de seu relacionamento era um assunto importante, porque muitas pessoas vieram a ser crentes devido ao esforço delas.

- A advertência de Paulo neste versículo e no próximo marca uma ocorrência incomum em suas cartas. É comum o apóstolo enfrentar os problemas, as objeções ou as falsas doutrinas dentro de suas igrejas (por exemplo, 1Co. 1.10ss; 5.1; 6.1ss; Gl. 3.1). Porém, esta é uma das poucas ocasiões onde ele realmente nomeia as pessoas envolvidas (1Tm. 1.20). Na maioria das vezes, Paulo prefere manter os envolvidos em controvérsias no anonimato. O fato de mencionar aqui estes indivíduos reflete a seriedade da situação, seu relacionamento íntimo com os filipenses e sua alta consideração para com as duas irmãs a quem fez este sincero apelo. Obviamente ele considera estas mulheres, bem como o restante da congregação, como suficientemente maduros para lidarem com este assunto publicamente.

- Paulo propõe um sério apelo a duas mulheres na congregação em Filipos, Evódia e Síntique (possivelmente diaconisas naquela igreja). As mulheres desempenharam um papel muito importante na fundação daquela igreja na Macedônia (veja At. 16.14). Não existe nenhuma razão para se acreditar que Paulo esteja tratando de problemas contínuos entre judeus e facções de gentios daquela congregação usando estes dois nomes como pseudônimos, como alguns têm argumentado. O uso destes dois nomes está também atestado em outra literatura (Hawthorne, 179).

- É de se notar que Paulo não traz aqui nenhuma reprimenda a essas duas mulheres. Ele se preocupa apenas em tentar solucionar o problema delas, ajudá-las, e não criticá-las.

- Paulo fala com cada uma das mulheres separadamente, possivelmente para mostrar sua imparcialidade na situação. A palavra pela qual faz sua súplica é *parakaleo*, uma palavra que denota um sério apelo – frequentemente a indivíduos subordinados àqueles que fazem tal pedido. Encoraja-os a mostrar a unidade em seu pensamento e atitudes – que “sintam” (*phroneo*, usada também em Fp. 2.2) a mesma coisa. O dever de fazê-lo “no Senhor” reflete o fato de que este assunto não estava relacionado a brigas insignificantes, mas, antes, a um assunto relacionado à mensagem do evangelho dentro da igreja.

- É possível crer em Cristo, trabalhar muito pelo Seu Reino e ainda assim ter problemas de relacionamento com companheiros que estão envolvidos na mesma causa. Mas não existe desculpa para continuar sem a reconciliação.

- O nome feminino Evódia significa “excelente viagem”. Sua forma verbal significa “ajudar na estrada”, dando a entender, originalmente, as mulheres que tomavam conta de hospedarias e ajudavam os viajantes etc. Mas, tal como se dá com os nomes modernos, muitos nomes próprios eram aplicados sem referência alguma ao seu significado original. Ambos os nomes que figuram neste versículo aparecem em inscrições, e invariavelmente são nomes próprios femininos. Essa é a única menção dessa mulher, em todo o Novo Testamento, ainda que o trecho de At. 17.4,12 também mencione as atividades de mulheres da Macedônia, que tinham cooperado com o apóstolo, quando ele fundara o trabalho cristão na Europa.

- Vários intérpretes supõem que essa mulher ocupava a posição de diaconisa, sendo, por conseguinte, uma das principais figuras femininas da igreja de Filipos. O evangelho, naquela área, foi pregado inicialmente para mulheres (ver At. 16.13). E a igreja de Filipos teve suas primeiras reuniões na casa de uma mulher (ver At. 16.14,40).

3 E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida.

- A palavra aqui traduzida por “companheiro”, no original grego, é *suzugos*, que também pode ser traduzida por “amigo”. É usada somente aqui.

- A identidade desse “verdadeiro companheiro” (*gnesie syzyge*) permanece um mistério. Houve muita especulação sobre a identidade deste indivíduo – tal especulação envolveu uma suposta esposa de Paulo, Epafrodito (o portador desta carta), Lucas (que parece ter permanecido em Filipos depois da partida de Paulo por nada menos do que sete anos, período que separa as duas “seções de nós”, de At. 16.17 a 20.5), Timóteo ou algum de seus companheiros da prisão. Foi até mesmo considerada a hipótese de ser um indivíduo chamado Syzygus ou Sínzigo, que é um nome que significa “colega de equipe”, ou, neste caso, “verdadeiro companheiro”. Hawthorne especulou que o termo tem uma ampla referência à Igreja em Filipos como um todo.

- Alguns estudiosos também têm imaginado que Lídia é aqui endereçada; porém, trata-se de uma opinião bem menos provável. Tanto a tradição como os escritos dos primeiros pais da igreja fornecem-nos aqui diversas idéias, mas todas sem o menor fundamento histórico. Há uma dessas tradições, como acima dito, que diz que Paulo se dirigia aqui à sua “esposa”, visto que, no grego, a palavra também pode significar “cônjuge”; e Lídia seria essa “esposa”, ainda de conformidade com outros. Assim explicava Clemente de Alexandria. Mas o adjetivo que acompanha o substantivo é masculino, e não feminino, pelo que também não pode estar em foco nenhuma mulher.

- Crisóstomo, por sua vez, conjecturava que Paulo aludia aqui ao marido ou ao irmão de Evódia ou de Síntique; e outros pensam que estaria em foco “Epafrodito”, que haveria de ser o portador da epístola aos crentes filipenses, em que se encontrava em posição de resolver pessoalmente a dificuldade que surgira (ver Fp. 2:25ss). Outras personagens mencionadas são Timóteo, Silas ou o principal pastor da comunidade cristã de Filipos, cujo nome não é dado. Mas todas essas conjecturas são apenas tentativas de preencher detalhes onde, na realidade, não há nenhum pormenor.

- Simplesmente não existe evidência suficiente para indicar a probabilidade de qualquer uma destas opções. É suficiente dizer que tanto os filipenses quanto Paulo teriam conhecido o indivíduo, que provavelmente tenha sido um cooperador de Paulo. Esta última suposição baseia-se no fato de Paulo utilizar uma palavra mais formal, “pedir” (*erotao*), do que a palavra mais severa “rogar” (*parakaleo*).

- “Ajudes”, literalmente, é “te agarres com” (no grego, *sullambano*), provavelmente uma referência específica à dificuldade de harmonia que havia entre aquelas duas mulheres. É como se Paulo houvesse recomendado: “Ajuda-as a se reconciliarem entre si”. Contudo, a referência pode ser mais geral: “Ajuda-as em todos os esforços que elas fizerem na igreja”. Há também quem pense que está em pauta, neste ponto, a ajuda a viúvas, e que Paulo exortava para que elas fossem ajudadas; mas não há qualquer indício de tal possibilidade.

- O apelo de Paulo do v. 2 é reforçado por seus comentários neste versículo, onde apela a uma terceira pessoa, a quem se refere como “verdadeiro companheiro”, para ajudar na mediação desta disputa. A razão para o apelo de Paulo torna-se aparente neste versículo: estas mulheres,

juntamente com Clemente e outros cooperadores, têm combatido com Paulo como se estivessem em um combate de gladiadores (*synathleo* – Fp. 1.27) por amor ao evangelho. Agora, nestas ocasiões em que existem relacionamentos hostis, Paulo pede a este “verdadeiro companheiro” que seja um parceiro para estas duas senhoras, a fim de trazer uma solução (*syllambano*). É significativo que os termos “cooperadores”, “contender” e “ajudar” contenham a preposição “com” (*syn*), enfatizando o papel vital da comunidade cristã e do trabalho em equipe, no pensamento de Paulo.

- A expressão “que trabalharam comigo no evangelho” atribui uma razão à necessidade do companheiro de Paulo – sem importar quem fosse ele – de ajudar aquelas duas mulheres. Elas se tinham mostrado sinceras no trabalho, muito tinham feito, muito tinham ajudado; e uma disputa entre as duas, agora, não pode ser causa de serem elas rejeitadas ou evitadas por outros. O verbo “trabalharam”, que aqui se acha, também aparece em Fp. 1.27, traduzido por “combatendo”; mas não ocorre mais em nenhuma outra porção do Novo Testamento. Em seu sentido original dá a entender uma competição atlética, mas usualmente era empregado para indicar mero esforço diligente.

- O Clemente aqui referido, segundo alguns acreditam, seria o mesmo que mais tarde tornou-se bispo de Roma e que escreveu uma epístola aos coríntios, que ainda existe. Orígenes foi quem iniciou a conjectura que temos aqui alusão ao mesmo Clemente de Roma, autor de uma epístola (ou talvez de mais de uma) que sobreviveu até nós, a qual é a mais antiga peça de literatura cristã à parte do Novo Testamento canônico. Em algumas congregações locais da igreja cristã primitiva essa epístola de Clemente era aceita como canônica. Porém, o Clemente aqui referido é um filipense, não havendo razão alguma para tal identificação. Outros estudiosos pensam que esse Clemente é o mesmo chamado de “fiel companheiro de jugo”, neste mesmo versículo; no entanto, Clemente é mencionado como indivíduo separado daquele, por quem o “fiel companheiro de jugo” deveria mostrar respeito, juntamente com as mulheres mencionadas. Clemente sem dúvida foi um dos primeiros ajudadores de Paulo. Assim sendo, este versículo pode indicar uma das duas coisas seguintes hipóteses: 1) ou que o “fiel companheiro de jugo” deveria ajudar aos três – às duas mulheres e a Clemente; 2) ou então que os três são mencionados como antigos auxiliares de Paulo, que tinham trabalhado no evangelho em sua companhia; e, neste segundo caso, as duas mulheres são mencionadas como objetos da atenção imediata do “fiel companheiro de jugo”. A segunda dessas possibilidades é a mais provável como significado tencionado deste versículo.

- Estas duas mulheres deveriam concordar por buscarem o mesmo objetivo – terem os seus nomes escritos no “livro da vida”. Este termo posterior é mencionado no Antigo Testamento (Ex. 32.32; Sl. 139.16; Dn. 12.1) e no judaísmo mais recente (1 QM 12.3). É importante destacar que mesmo tendo os cidadãos de Filipos sua cidadania romana formalmente assentada nos registros daquela cidade, Paulo refere-se aqui a um registro de cidadania infinitamente mais importante.

- Aqueles “cujos nomes estão no livro da vida” são todos aqueles que foram designados para a salvação pela fé em Cristo (ver também Lc. 10.17-20 e Ap. 20.11-15).

- As cidades antigas mantinham o registro dos nomes de seus cidadãos; e esse fato foi transportado para a linguagem espiritual, indicando que, na nossa “pátria” ou “cidade celestial” esses registros também são conservados. É provável que esse pensamento fosse aceito literalmente por certos crentes, ao passo que outros o compreendiam figuradamente. Não há razão para supormos que haja algum livro literal de rol de nomes. Trata-se antes de um uso metafórico, que indica aqueles que “realmente pertencem aos céus, como cidadãos”, em contraste com outros, que não podem ser assim reconhecidos.

- Ter alguém o seu nome registrado nesse “livro” é a mesma coisa que dizer que ele possui a “vida eterna” porque é um dos cidadãos do Reino Eterno. A referência mais antiga que temos acerca dessa antiga prática de registrar nomes dos cidadãos aparece em Êx. 32.32, o que nos mostra tratar-se de um costume antiquíssimo (ver também Is. 4.3; Ez. 13:9 e Dn. 12.1). Paulo já havia se referido aos crentes filipenses como *cidadãos dos céus*, e isso que aqui encontramos é um desenvolvimento natural daquele pensamento, embora se trate da única ocorrência da expressão em todo o Novo Testamento, excetuando seu uso comum no livro de Apocalipse (ver Ap. 3.5; 13.8; 17.8; 20.12,15; 21.19).

4 Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos.

- A partir deste versículo, Paulo deixa de falar de uma situação específica (vv. 2 e 3), passando a uma série de abordagens de interesse da igreja como um todo. Este estilo de exortação é visto em outras cartas de Paulo (1Ts. 5.23ss) e, devido à possibilidade de as cartas serem lidas para a maioria dos destinatários, estas exortações são apresentadas de forma a serem facilmente memorizadas. Baseiam-se em temas fundamentais e são uma aplicação prática dos temas que faziam parte da vida da igreja de Filipos.

- A exortação deste versículo repete um tema-chave que é trazido à tona ao longo desta carta (3.1; 4.1). Tem a forma de “despedida” e um mandamento relacionado ao regozijo. O apóstolo encoraja os filipenses a “regozijarem-se sempre” (observe a importância do imperativo presente). Além de contínua, esta alegria deve ser independente das circunstâncias que lhes causava impacto. Não é uma alegria que emerge somente quando as situações são vantajosas, mas deve ser manifestada em todas as ocasiões (“sempre”). É quase uma resposta antecipada a um questionamento: “Mas... como?” Paulo reitera suas palavras: “outra vez digo: regozijai-vos!” A resposta deles a quaisquer situações vindouras deverá ser a mesma – regozijai-vos.

- Os filipenses não deveriam ter nenhuma dificuldade para seguir esta exortação. Esta foi a própria reação de Paulo quando encontrou oposição ao evangelho em sua chegada a Filipos. Quando ele e Silas foram injusta e ilegalmente açoitados e presos pelos magistrados de Filipos, reagiram cantando com alegria no confinamento daquela prisão (At. 16.25). Para Paulo, a alegria era uma das principais características do reino de Deus (Rm. 14.17) e também um fruto do Espírito Santo que habita dentro de cada cristão (Gl. 5.22). Os filipenses deveriam se regozijar em suas próprias preocupações, como nas situações que afligiram Paulo e Epafras. Esta deveria ser a sua reação diante da oposição (Fp. 1.28). A razão pela qual esta poderia ser uma profunda e determinada reação às muitas circunstâncias adversas estava fundamentada no Único que não muda e que é soberano acima de todas as questões humanas. Deveriam se regozijar “no Senhor”; Ele é a fonte e o motivo desta alegria.

- O crente deve regozijar-se e fortalecer-se, meditando na graça do Senhor, sua presença e promessas (ver Fp. 1.4).

- Parece estranho que um homem encarcerado pudesse estar pedindo a uma igreja que se regozijassem. Mas a atitude de Paulo nos ensina uma importante lição. Nossa atitude interior não precisa refletir nossas circunstâncias exteriores. Paulo estava cheio de alegria por saber que, a despeito daquilo que lhe viesse a acontecer, Jesus Cristo estava ao seu lado.

- Nesta carta, Paulo inúmeras vezes insiste que os filipenses deveriam estar alegres, provavelmente por ser o que estavam precisando ouvir. É fácil nos sentirmos desencorajados

perante circunstâncias desagradáveis ou tratarmos com excessiva seriedade os assuntos de menor importância. Aquele que eventualmente não está se sentindo muito alegre possivelmente não esteja contemplando a vida sob a perspectiva correta.

5 Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor.

- A próxima exortação de Paulo está relacionada à caminhada dos filipenses com o Senhor. Sua equidade deve ser evidente a todos, tanto a cristãos como a não cristãos. Esta palavra denota um sentido de racionalidade e ocorre na literatura secular para ilustrar a idéia de justiça equitativa, exercida de acordo com o espírito, não necessariamente baseada na lei. No contexto de filipenses, isto indubitavelmente indica a necessidade de mostrarem humildade e paciência em meio à dissensão e aos conflitos – conforme o exemplo de Cristo em relação ao sofrimento (Fp. 2.1-11).

- A palavra “equidade” é de significado controverso. Em Direito costuma-se usar este termo para significar “justiça”, mas não é este o sentido aqui empregado. No original grego, o termo usado por Paulo é *epieikes*, também significando “mansidão”, “paciência”, “bondade”, “moderação”, “gentileza”. Na versão Almeida Revista e Atualizada esse termo grego é traduzido por “moderação”. Na Nova Versão Internacional (NVI), por “amabilidade”. Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), por “amáveis”. É usada aqui, em 1Tm. 3.3 (traduzido como “moderado”), em Tt. 3.2 (traduzido como “mansidão”), em Tg. 3.17 (traduzido como “moderada”) e 1Pe. 2.18 (traduzido como “humano”).

- Devemos ser atenciosos (ponderados, caridosos e justos) para com aqueles que não fazem parte da igreja, e não somente para com os nossos irmãos na fé. Isso significa que não devemos procurar a vingança contra aqueles que nos tratam com injustiça e também evitar sermos excessivamente insistentes em relação aos nossos próprios direitos.

- Não apenas aqueles que fazem parte da igreja, mas também aqueles que são do mundo (“todos os homens”) devem conhecer a equidade do cristão. Se o crente controlar seu temperamento e exibir gentileza para com todos, mostrando-se gracioso e cortês, os outros homens entenderão que ele goza da influência de Cristo em sua vida. Outrossim, a vida de tal crente será mais tranquila, já que tal crente não viverá entrando em disputas e contendas. Além disso, o espírito calmo e gentil pode aquietar almas agitadas. O espírito doce e cordato servirá de boa propaganda da fé cristã. Essa atitude eleva o crente acima do rigor e da ansiedade da mente.

- A expressão “perto está o Senhor” tem sido objeto de diferentes interpretações pelos teólogos. Alguns dizem que essa expressão equivale a “maranata”, empregada por Paulo em 1Co. 16.22, significando aqui que o Senhor é juiz e está perto para castigar.

- Em posição semelhante, alguns dizem que Paulo quis dizer que devemos crer que o Senhor poderá voltar a qualquer momento. A perspectiva do Novo Testamento é de que a volta de Jesus é iminente (ver Lc. 12.35-40); logo, devemos estar prontos, trabalhando e vigiando em todo tempo (Mt. 24.36; 25.1-13; Rm. 13.12-14).

- Outros ainda dizem que nossa suprema alegria vem de Cristo, que habita em nós. Ele está perto. Com a Sua volta, gozaremos plenamente dessa suprema alegria. O Senhor, que vive dentro de cada um de nós, cumprirá o propósito que reservou para a nossa vida. Estaria em pauta aqui, portanto, uma proximidade espacial, Sua presença conosco.

- A palavra “perto” pode ter um sentido ligado ao tempo ou ao espaço; os dois sentidos podem, provavelmente, ser extraídos desta palavra. A proximidade do Senhor no sentido de espaço indica sua contínua presença com eles e deveria servir como uma motivação para seu bom comportamento. Sua proximidade no sentido temporal renova o encorajamento e a esperança para a suprema salvação dos filipenses e com esta a justificação para seu sofrimento atual.

6 Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças.

- “Não estejais inquietos”, no original grego, é *meden merimnate*, podendo também significar “não estar ansioso por nada”. Semelhante expressão é traduzida por “estás ansiosa” em Lc. 10.41; “estivésseis sem cuidado” em 1Co. 7.32; “tenham...igual cuidado” em 1Co. 12.25; “que sinceramente cuide do vosso estado” em Fp. 2.20; “não andeis cuidados” em Mt. 6.25; “não vois inquieteis” em Mt. 6.34; “não vos dê cuidado” em Mt. 10.19; “não estejais solícitos” em Lc. 12.11; “não estejais apreensivos” em Lc. 12.22; e “estais ansiosos” em Lc. 12.26.

- A exortação de Paulo neste versículo 6 segue a lógica da afirmação contida no verso 5, parte final. Pelo fato de o Senhor estar próximo, os filipenses não deveriam estar “inquietos por coisa alguma”. Fica evidente, ao longo desta carta, que estavam passando por um momento de ansiedade (veja o comentário do v. 4). As palavras desta exortação têm o sentido de que devem deixar de se preocupar (devido ao uso do imperativo presente no idioma grego). Paulo quer que experimentem a libertação do peso da ansiedade que os sobrecarrega – uma liberdade sobre a qual o próprio Senhor Jesus falou (Mt. 6.25-34).

- Não devemos ansiar por coisa alguma porque a vinda do Senhor está próxima, havendo ainda à nossa disposição o recurso da oração, que é um poder criativo, que pode alterar os acontecimentos e conferir-nos forças para enfrentar a adversidade. Por meio da oração, a força espiritual se faz presente, porquanto põe nossa fé à nossa disposição o mesmo Senhor, que algum dia retornará.

- Em suma, Paulo quis dizer: não tolerem a ansiedade ou a preocupação porque elas causarão dano às suas próprias almas. Somente Deus pode ajudá-los e Ele assim o fará se vocês orarem a respeito de tudo o que acontecer e derem graças por tudo (ver 1Ts. 5.18).

- Além de proibir a ansiedade, Paulo também os encoraja a uma reação positiva. Os cristãos devem levar tudo a Deus em oração. Para enfatizar este ponto, ele usa três palavras para oração: oração (*proseuche*), petição (*deesis*) e súplicas (*aitemata*). O ponto a que Paulo está se referindo aqui não é oferecer várias opções de estilos contrastantes de oração. Antes, está enfatizando a importância do papel da oração na vida do cristão. Paulo não pode sequer imaginar a vida cristã sem oração.

- O melhor remédio para a preocupação é a oração, e isto pelas seguintes razões: (1) Mediante a oração, renovamos nossa confiança na fidelidade do Senhor, ao lançarmos nossas ansiedades e problemas sobre Ele que tem cuidado de nós (Mt. 6.25-34; 1Pe. 5.7). (2) A paz de Deus vem guardar nossos corações e mentes, como resultado da nossa comunhão com Cristo Jesus (vv. 6,7; Is. 26.3; Cl. 3.15). (3) Deus nos fortalece, para fazermos todas as coisas que Ele quer que façamos (Fp. 4.13; 3.20; Ef. 3.16). (4) Recebemos misericórdia, graça e ajuda em tempos de necessidade (Hb. 4.16). (5) Temos certeza de que todas as coisas que Deus permite que nos aconteçam concorrerão para o nosso bem (ver Fp. 4.11; Rm. 8.28).

- As petições que devem ser “em tudo” conhecidas diante de Deus dizem respeito a quaisquer pedidos, tanto de necessidades e desejos materiais, físicos, quanto espirituais. Tudo que nos diz respeito ao longo de toda a vida deve ser colocado na presença de Deus, pela oração e súplicas, mas sempre com ação de graças.

- A idéia de nossas petições serem conhecidas (*gnonizo*) diante do Senhor está exatamente refletida na parte final deste versículo. A palavra denota uma sinceridade e liberdade na oração por meio de uma profunda exposição das necessidades a Deus, partilhando-as com Ele. Esta palavra de forma alguma implica que Deus não esteja ciente de nossos pedidos, antes mesmo de o fazermos. Deve também ser notado que o ambiente em que estes pedidos são apresentados a Deus é de ação de graças (Ef. 5.18-20; Cl. 4.2; 1Ts. 5.18).

- Parece impossível não nos preocuparmos nunca com coisa alguma. Todos temos preocupações em nosso trabalho, em nosso lar, na escola ou em qualquer outra atividade. Mas o conselho de Paulo é que devemos transformar essas preocupações em oração. Quem quer se preocupar menos deve orar mais. Sempre que começamos a nos preocupar com alguma coisa, devemos parar e orar.

7 E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.

- A consequência de viver uma vida de oração livre de ansiedades é encontrada neste versículo: a paz de Deus encherá o cristão. Este é o único uso da expressão “a paz de Deus” no Novo Testamento, e vários comentaristas interpretam esta paz como a grande paz experimentada na presença de Deus. Esta paz é a serenidade em que Deus habita. A obra desta paz é melhor ilustrada pela palavra hebraica *shalom* – que significa inteireza, saúde e completo bem-estar (que só Deus pode dar; Ef. 2.14; 2Ts. 3.16).

- Esta paz vai além da finita compreensão dos seres humanos; nossos planos, raciocínios e pensamentos não podem reproduzir esta paz divina. O papel desta paz é guardar a totalidade do ser interior do cristão e o centro de emoções e sentimentos (o coração) dos pensamentos processados na mente. A palavra “guardar” ou “preservar” teria despertado nos seguidores de Paulo a imagem de uma guarnição romana protegendo uma cidade como Filipos (2Co. 11.32; Gl. 3.23). A paz de Deus traz, àqueles que estão em Cristo, a proteção contra os ataques do maligno. Observe como o apóstolo enfatiza o surpreendente alcance da proteção que o cristão tem no relacionamento com Cristo.

- Quando invocamos a Deus, com um coração posto em Cristo e na Sua Palavra (Jo. 15.7), a paz de Deus transborda em nossa alma aflita. Essa paz consiste em uma tranquilidade interior, que o Espírito Santo nos transmite (Rm. 8.15,16). Envolve uma firme convicção de que Jesus está perto, e que o amor de Deus estará ativo em nossa vida continuamente (Rm. 8.28,32; cf. Is. 26.3).

- Quando colocamos diante de Deus, em oração, as nossas inquietações, essa paz ficará como guarda à porta de nosso coração e de nossa mente, para impedir que os cuidados e angústias perturbem-nos a vida e a esperança em Cristo (v. 6; Is. 26.3,4,12; 37.1-7; Rm. 8.35-39; 1Pe. 5.7). Se o medo e a ansiedade retornarem, novamente a oração, a súplica e a ação de graças nos trarão a paz de Deus que guarda os nossos corações. Voltaremos a sentir segurança, e nos regozicaremos no Senhor (v. 4).

- “Guardará” é, no original grego, *phroureo*, também podendo significar “vigiar”. É traduzido como “guardados” em Gl. 3.23 e em 1Pe. 1.5, e como “pôs guardas” em 2Co. 11.32.

- Podemos arrolar dez “segredos” bíblicos para a cura da preocupação: 1) permitir que a paz de Deus guarde os corações e sentimentos (v. 7); 2) renunciar a toda preocupação e, pela oração, súplica e ação de graças, fazer todos os pedidos conhecidos diante de Deus (v. 6 e Tg. 4.7); 3) pensar nas coisas corretas (v. 8); 4) manter a mente firme em Deus (Is. 26.3); 5) usar as armas da batalha espiritual (2Co. 10.4-6); 6) vestir toda a armadura de Deus (Ef. 6.10-18); 7) ter fé em Deus (Mt. 6.25-34; 7.7-11; 17.20; 21.22; Mc. 11.22-24); 8) viver e andar no Espírito (Gl. 5.16-26; Rm. 6.14-23; 8.1-13); 9) não lançar fora a confiança (Hb. 3.6,12-14; 6.11-12; 10.19-23,35-39); 10) lançar toda a ansiedade sobre Deus (1Pe. 5.7).

- A paz de Deus é diferente da paz do mundo (ver Jo. 14.27). A verdadeira paz não se encontra no pensamento positivo, na ausência de conflitos ou nos bons sentimentos. Ela vem de saber que Deus está no controle de todas as coisas. Nossa cidadania no Reino de Cristo está garantida, nosso destino já foi determinado e podemos alcançar a vitória sobre o pecado. Devemos deixar que a paz de Deus proteja nosso coração contra a ansiedade.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CABRAL, Elienai. **Lições bíblicas: Filipenses – A humildade de Cristo como exemplo para a Igreja**. Editora CPAD, 2013.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Editora Hagnos, v. 5, 2002.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEMCHUK, David. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 2. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- NEVES, Natalino das. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A alegria do salvo em Cristo**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.